
Cenas da morte no acontecimento violento: diante da narrativização de uma chacina¹

Sergio do Espirito Santo FERREIRA JUNIOR²

Luana de Melo LABOISSIERE³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

O objetivo deste artigo é compreender a maneira como mortes violentas figuram na narrativização de uma chacina. Realizamos uma aproximação entre os conceitos de acontecimento e narrativa a fim de definir quais as possibilidades teórico-metodológicas que tal postura nos oferece, marcadamente, na necessidade de compreender atravessamentos e tensões nas narrativas. Voltamos nosso olhar para matérias em torno de chacina ocorrida em janeiro de 2017, em Belém-PA, alvo de intensa cobertura e de momentos de demarcação da ocorrência da morte e de narrar a experiência das famílias afetadas pela perda. Procedemos um reflexão em torno dos sentidos em torno da vida e da morte, assim como das consequência para compreendermos as vinculações sociais e os regimes políticos em torno dessas mortes.

Palavras-chave: Narrativa; acontecimento; chacina; morte.

Introdução

Em seu *O homem diante da morte*, Ariès (2014) fornece um amplo quadro de atitudes diante da morte, em que aponta que a morte é vista a partir da perspectiva do Ocidente, como ruptura, perda, violência, algo que lesa, que suscita luto e pesar. Não obstante, fala-nos que a morte tem uma dimensão ritual, de prática cultural, que cada sociedade e em diferentes tempos delineou formas diferenciadas de se relacionar com o fenômeno. Sendo algo cultural e contextualmente situado, estar diante da morte trata-se também de algo variado e com a possibilidade não só de deslindar a morte, mas a teia de pressupostos em torno do viver e do morrer, de conflitos e de apaziguamentos, marcadamente nas histórias e narrativas que se produzem ao longo do tempo.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Mestrando em Ciências da Comunicação do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFPA), integrante dos Grupos de Pesquisa Narrativas Contemporâneas da Amazônia Paraense (Narramazônia) e Comunicação, Estética e Política (Cepolis), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e-mail: esferreira.sergio@gmail.com.

³ Mestranda em Ciências da Comunicação do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFPA), integrante dos Grupos de Pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (Compoa) e Comunicação, Estética e Política (Cepolis), e-mail: luana.laboissiere@gmail.com.

Com isso em mente, voltamos aqui neste trabalho o nosso olhar para mortes no contexto de chacina, a fim de entender a constituição simbólica de um acontecimento violento da vida social e aquilo que ele tem de revelador. Trata-se de uma chacina que, em janeiro 2017, foi objeto de uma cobertura jornalística que alinhava o desenrolar de eventos relacionados a cada uma delas – eventos de ordem política, ações de lamento das perdas, investigações que clarificam as circunstâncias ou detalhes sobre cada chacina, mais mortes que se seguiram às mortes inicialmente identificadas, etc. Diante de um rotinização midiática da violência em espaços como os cadernos policiais (FERREIRA JUNIOR; COSTA, 2016), a cobertura sobre as chacinas apresenta demarcadores que as diferem da cobertura diária dos jornais, pois se dá no decorrer de vários ‘episódios’ e é parte da configuração de um acontecimento a que podemos identificar como chacina, permitindo o recurso à ideia de narrativa para poder inseri-la em quadro interpretativo mais amplo.

Ainda assim, da mesma forma como outros acontecimentos violentos presentes nos jornais, todo o acontecimento chacina revolve em torno das mortes – que podem ser consideradas o ‘catalisador’ do acontecimento, mas também o assinalador sobre os sujeitos dos quais fala o jornalismo, sobre as interações com o contexto e sobre as ações de outros sujeitos ainda em torno da violência e da morte violenta. Trata-se de mortes inseridas em um quadro de violência urbana, mas com dimensões que, nos relatos jornalísticos, vão além da descrição da ocorrência das mortes, havendo de fato desdobramentos que ampliam o teor assumido por elas. Razão pela qual assumimos aqui um esforço de pesquisa de tentar enxergar essas dinâmicas em torno do acontecimento chacina que se processam narrativamente e dão conta de uma gestão simbólica do sentido que morte, vida e violência assumem diante de suas vinculações sociais.

Diante do acontecimento, a narrativa

Diante disso, a chacina em sua dimensão acontecimental convoca à indagação não só a respeito da morte, mas comporta também a inquietação e mesmo o acionamento de aspectos da vida dos seus mortos, tanto do ponto de vista da instrumentalização desse outro quanto das tensões que estão presentes na própria narrativa. Esses mortos não quaisquer mortos – são os indivíduos à margem, periféricos, que, no bojo dos saberes sobre a violência, sobretudo os midiáticos, são tidos como potencialmente criminosos,

potenciais usuários de drogas, ainda que não haja confirmações a esse respeito, mortos pelas suas supostas relações com um “mundo do crime” e o tráfico de drogas (FERREIRA JUNIOR; MENEZES, 2014; FERREIRA JUNIOR, 2015). Assim, falar da intersecção da sua morte e vida tem a ver com expor as fissuras e as tensões sociais diante das quais a própria narrativa do acontecimento emerge e dá a ver, em um movimento de reenvio àquilo que Carvalho (2013) identifica como vinculações sociais nos gestos e circulações das narrativas. A esse respeito, aponta uma profícua postura diante das narrativas de acontecimentos:

Não há narrativas prontas, posto que seus processos de interpretação/reconstrução são sempre provisórios – e dependentes dos movimentos de leitura –, assim como elas operam complexas mediações entre mundos naturais e sociais com os seres humanos e destes entre si. *A articulação entre narrar e ler as narrativas [...] aponta radicalmente para a impossibilidade de dotar as narrativas de sentidos imanentes, assim como para uma lógica do diálogo, estabelecida não somente entre pessoas, mas também com tradições culturais, com pressupostos éticos e morais, enfim, com um conjunto de situações que as inscrevem nos aludidos contextos da circularidade virtuosa* (CARVALHO, 2013, p. 50, grifo nosso).

Isso nos fornece, portanto, uma espécie de norte metodológico quanto à própria constituição do fenômeno com o qual nos deparamos, já que não se trata de enxergar no texto narrativo um caráter de equivalência transparente com um problema da realidade social, nem de pressupor rígidos caminhos de análise, pois antes se trata de compreender essa lógica do diálogo destacada em Carvalho e percorrer o texto em um movimento de leitura, de abertura interpretativa, considerando que está incrustado na vida social e com ela se relaciona reflexivamente. Tal assinalamento permite-nos compreender que o caráter hermenêutico do acontecimento – por meio do qual ele “torna compreensível o seu passado e o seu contexto, em função do sentido novo cujo surgimento ele provocou” (QUÉRÉ, 2005, p. 62) – não é um processo dado, mas resultado também de uma leitura, de um esforço investigativo e de uma incursão à constituição simbólica do acontecimento na vida social.

A respeito das narrativas, Motta (2013) define que se expressam enquanto formas de organização da experiência cultural em contexto, podendo ser enxergadas, em se tratando de narrativas midiáticas, como projetos dramáticas ou performativos de um narrador, que alinhava elementos de realismo, de efeitos retóricos e com saberes culturais, a que denomina como ordem de uma “metanarrativa”. Conquanto reconheça essa

dimensão performática da narrativa, a perspectiva de Motta resvala em modos ou essencializadores de enxergar as narrativas – sobretudo, as jornalísticas – ou rígidos e demasiado prescritivos quando do olhar analítico em torno delas – sendo bastante sintomático a esse respeito a necessidade de o autor afirmar que se filia a uma “nova narratologia”, que “inclui todas as produções do ser humano cuja qualidade essencial é o relato de uma sucessão de estados de transformação e cujo princípio organizador do discurso é o contar” (MOTTA, 2013, p. 79).

No revés desse olhar, é relevante pensar na narrativa como espaço de inscrição e atravessamento de relações complexas – que não são somente discursivas e não podem ser esquematicamente reduzidas a elementos diegéticos e não-diegéticos. Desse modo, na esteira do exposto anteriormente, podemos divisar a narrativa como processo que se constitui em face de um movimento que permita ver em uma determinada textualidade a sua constituição narrativa. A esse propósito, Leal (2006, p. 20-21) assinala que esse encarar da narrativa não é autoevidente nem deve ser apriorístico, mas dependente de uma da compreensão da narrativa como lugar de trânsitos e realidades culturais, pois, na medida em que têm caráter móvel e fragmentário,

as narrativas conservam-se como formas capazes de articular o estar-num-mundo-aberto, em fluxo, tecido no entremear de imagens, falares, tradições, saberes. [...] Estas, porém, não são um dado, uma ‘coisa’, requerem, ao contrário, a elaboração de um *‘olhar narrativizante’* que estabeleça as articulações entre os diversos fragmentos em circulação (LEAL, 2006, p. 20-21, grifo do autor).

Trata-se de uma observação que nos insta a lançar um olhar atento, detido, engajado, evitando uma visada descurada sobre o fenômeno comunicacional e as nuances que o configuram. Fazer esse movimento, portanto, tem a ver com uma lógica de perspectivação que é mesmo hermenêutica, conforme a proposta de Ricoeur, que busca identificar relações entre as produções languageiras e seu pertencimento sócio-histórico, como produzem mundos possíveis e como apontam para formas de orientação diante desses mundos, em um processo no qual a consideração sobre textualidade é o lugar privilegiado para uma dialética entre o compreender e explicar, marcadamente porque “[...] o sentido do texto repousa não atrás do texto, mas em frente a ele. O sentido não é algo escondido, mas descoberto” (RICOEUR, 2016, p. 139, tradução nossa). Desse modo, deslindar o acontecimento e dar conta das tensões que ele expõe envolvem estar atento a esses movimentos da ordem narrativa.

Diante da narrativa, a chacina

Nos dias 20 e 21 de janeiro, a primeira chacina do ano de 2017 consistiu em uma série de mortes ocorridas após a de Rafael da Silva, 29 anos, integrante da Ronda Tática Metropolitana (Rotam) da Polícia Militar do Estado do Pará (PM/PA), durante uma troca de tiros no bairro da Cabanagem, em Belém/PA, quando o policial foi atingido na cabeça. De acordo com o *Relatório da Situação dos Casos de Chacinas e Extermínio de Jovens Negros no Estado do Pará*, da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Pará, houve 29 mortos e 20 feridos durante os ataques relacionados à chacina (OAB-PA, 2017). Notícias dos dias posteriores à chacina dão conta de números difusos de mortos, já que se referem aos casos ocorridos após o assassinato do soldado, que poderiam mesmo virtualmente ser parte da “resposta” à sua morte. Houve vítimas em diversos bairros da Região Metropolitana de Belém, abarcando, além da própria capital, os municípios de Ananindeua e Marituba.

Houve uma ampla reverberação a respeito dessa chacina tanto por mídias noticiosas locais, como os jornais *Diário do Pará* e *O Liberal* ou mesmo os portais *Diário Online* e *G1 Pará*, quanto também manifestações para além deles, sendo relevante destacar publicações a respeito no portal da *Human Rights Watch* (2017), do *Brasil de Fato* (CAMPELO, 2017) e da *Revista Fórum* (MENEZES, 2017). Todas essas reverberações além dos meios locais abarcam o episódio desencadeador, caracterizando a chacina pelo número das mortes, pela ligação com milícias e brutalidade policial, além de depoimentos de testemunhas e das instituições de segurança pública.

Voltando especificamente o nosso olhar para um desses meios locais, o jornal *Diário do Pará*, vemos ao longo dos dias após a série de assassinatos uma cobertura que abarca aspectos bastante concretos de uma descrição dos eventos, com a quantidade de mortos, os nomes das vítimas, as ações de investigação, a problematização da política de segurança pública, em um processo de narrativização do acontecimento ‘chacina’ que configura uma totalidade constituída de episódios, marcada por relatos jornalísticos pela continuidade na cobertura do acontecimento. Não obstante retornamos à problemática de que o acontecimento é estabilizado pela sua descrição e pela identidade que dele se busca criar (FRANÇA, 2011; NEVEU; QUÉRÉ, 1997; QUÉRÉ, 2011).

A chacina, desse modo, resvala em mais do que a descrição de casos de mortes violentas, aponta para um cenário constituído de tensões e de *modus operandi*

caracterizado por um “campo problemático”, entendido por Quéré (2011, p. 27) como “um conjunto de problemas enredados, cuja análise está mais ou menos estabelecida (em termos de causas e consequências, de tipos de agentes e de tipo de razão de agir) e cujo tratamento é encarado em termos de alternativas relativamente definidas”. Na sua perspectiva, um acontecimento tem a potencialidade de revelar um campo problemático de dimensão mais ampla, lançando luz sobre aspectos não só contextuais, mas inerentes ao ‘acontecer’ desse acontecimento na vida social. Diante dessa virtualidade reveladora, emerge a necessidade de descrição, discussão, fala, exame quer midiática, quer institucional, quer cotidiana, a fim de dar conta de um acontecimento individualizado e da sua totalidade significativa, algo que só se processo pelo trabalho narrativo (ARQUEMBOURG, 2005; QUÉRÉ, 2011).

Destacamos aqui dois momentos do processo de narrativização do acontecimento ‘chacina’, o seu episódio inaugural presente na matéria “PM morre em dia de assassinatos em série” (BECMAN, 2017), e os momentos de reivindicação das pessoas cujos familiares foram mortos durante a chacina, nas matérias “Família chora morte: ‘Era o braço direito da nossa mãe’” (SOARES, 2017) e “Familiares das vítimas descrevem execuções e clamam por justiça” (SARGES, 2017). Esse movimento é possível se considerarmos, a partir de Ricoeur (2010), que o processo de narrativização é da composição de uma intriga que “toma juntamente” elementos do mundo em interface com o qual a narrativa se constitui, sobretudo as ações, constituindo um agenciamento de incidentes, diante do qual também é possível transformar o acontecimento em ente inteligível e capaz de ser reinserido na experiência social (BORISENKOVA, 2010; CARVALHO; LAGE, 2012).

Assim, como episódio inaugural que demarca o surgimento da chacina, temos a morte do PM, para a qual as mortes ocorridas na cidade são a “resposta”. Esse início do acontecimento lança luz sobre a morte informando os detalhes sobre o assassinato, as circunstâncias. De acordo com o jornal, a morte ocorreu durante o que deveria ser uma ação rotineira dos policiais em um bairro periférico, para atender uma ocorrência de assalto, realizaram uma perseguição a um veículo e se engajaram em uma troca de tiros, que resultou em Rafael sendo atingido. A matéria, assim, dá ênfase no evento desencadeador da chacina, que aparece nessa matéria primeiramente pela referência a “14 assassinatos” em um intertítulo, conforme segue.

PM morre em dia de assassinatos em série

Mais um policial militar foi morto em confronto com criminosos na Grande Belém. A vítima foi o soldado PM Rafael da Silva Costa, de 29 anos, lotado no Batalhão de Policiamento Tático Operacional (BPOT) da Polícia Militar. Ele estava em serviço por volta das 6h40, de ontem, com outras guarnições, em busca de assaltantes armados em um veículo no Bairro da Cabanagem em Belém. Houve troca de tiros e o militar foi atingido na cabeça. Ele chegou a ser socorrido para o Hospital Metropolitano de Urgência e emergência, em Ananindeua, mas não resistiu aos ferimentos. [...]

14 ASSASSINATOS

Após a morte do soldado da PM Rafael da Silva Costa, a Região Metropolitana de Belém viveu um dia de extrema violência, com outros 14 assassinatos. O caso é muito similar à chacina ocorrida na cidade em 2014, após o assassinato do cabo Pet (leia no caderno Polícia) (BECMAN, 2017, p. A3, grifo do autor).

De modo claro há a vinculação das mortes com o marcador do acontecimento – a “chacina” é trazida como elemento que é possível resgatar diante de outro acontecimento já individualizado, a chacina de 2014, demarcando também uma espécie de trabalho narrativo que informa o contexto da ocorrência e da sua compreensão, pois, assim como essa, aquela ocorreu após a morte de um policial militar, teve envolvimento de assassinos não identificados, mas com suspeitas (e posteriormente evidências) de ligações a milícias, vitimou jovens em áreas periféricas da cidade. Elementos do mundo sócio-histórico no qual se forma a narrativização desse acontecimento violento, informam a configuração narrativa das ações que se seguirão, ao mesmo tempo em que abrem possibilidades de enredamento de outros textos.

A narrativização nessa mesma edição prossegue em outro espaço do jornal, o Caderno Polícia, suplemento que cotidianamente apresenta as matérias sobre violência urbana e mortes violentas no estado do Pará. No interior do caderno, encontramos ainda a matéria “Violência sem limites: 16 assassinatos” (D’ALMEIDA, 2017). Com um pouco mais de detalhes, ela foca sobre os homicídios que sucederam a morte do policial, dando uma visão geral sobre o quadro das mortes na chacina. O que foi apenas citado no episódio inaugural passa a ser dimensionado aqui, fornecendo-se mais pistas na compreensão dos elementos constitutivos dessa nova chacina. Há um desdobramento no gesto narrativo que enfatiza o escalonamento de uma violência letal – por meio, por exemplo, da relação entre a quantidade de mortos e o período das ocorrências –, que traz novos elementos à intriga narrativa do acontecimento, com novas ações.

Violência sem limites: 16 assassinatos

Foi uma sexta-feira sangrenta na Região Metropolitana de Belém, onde 16 homicídios foram registrados em 22 horas (das 0h às 22h). *A onda de violência e derramamento de sangue se intensificou depois da morte do policial militar Rafael da Silva Costa, 29 [...]* A confirmação da morte do militar foi divulgada no final da manhã, quando já haviam sido registrado (sic) 3 homicídios na Grande Belém, desde os primeiros instantes da madrugada. *E depois da sua morte uma verdadeira onda de execuções tomou conta de vários bairros da Grande Belém. [...]*

Foram 7 locais de crimes que as equipes da perícia criminal da Polícia Civil e remoção do Instituto Médico Legal (IML) percorreram entre às 13h e às 18h30. Os emblemáticos carros preto e prata estiveram presentes na maioria destes novos homicídios, que apresentaram em comum características de execução. Vale ressaltar, no entanto, que somente as investigações podem confirmar se essa onda de homicídios está relacionada ou não com a morte do policial militar Rafael da Silva Costa. (D'ALMEIDA, 2017, p. 4, grifo nosso).

Vale ressaltar que, nesse desdobrar da história, a referência a “carros preto e prata” é mais outro elemento a demarcar relações de causalidade e responsabilidade pelas mortes, já que na cobertura diária sobre mortes no contexto da violência urbana eles são o equivalente a referir-se a milícias, pois as testemunhas dessas mortes sempre dão conta de que os atiradores rondam e matam as pessoas nas periferias a partir de veículos prateados, pretos ou vermelhos (FERREIRA JUNIOR; COSTA, 2017; FERREIRA JUNIOR; KABUENGE; COSTA, 2017). Aqui é possível mesmo inferir que emerge uma das chaves do acontecimento – ou pelo menos da sua possibilidade de inscrição no jogo da explicação e compreensão – a morte que ocorre no contexto da chacina é parte de uma rotina da violência na cidade e a sua descontinuidade ou continuidade é tributária dos fluxos de sentidos sociais que a ocorrência dessas séries de assassinatos enreda. A inteligibilidade da chacina como acontecimento, portanto, dá-se diante desse conjunto de pressupostos estabilizados no falar cotidiano do jornal sobre a violência.

Apesar disso, mesmo nessa tentativa de estabilização, tensões emergem e contribuem mesmo para ampliar o campo problemático que a narrativa propõe ou demarca, já que ela é também um lugar de atravessamentos pelas suas vinculações sociais, como vimos anteriormente. A esse respeito, Leal (2013) nos insta a pensar na dimensão fabulatória das narrativas, a fim de desancorar noções dicotômicas de real e ficcional, com vistas a enxergar no caráter difuso dos relatos sobre os acontecimentos a dimensão dos conflitos narrativos, das disputas entre indivíduos, instituições, de tensões e embates, considerando mesmo o seu pertencimento social, histórico e cultural. De modo que, se já é possível deslindar a dimensão conflitiva dessa chacina nos episódios iniciais, voltamos de modo mais detido sobre desdobramentos de pelo menos duas dessas mortes, que

tematizam a chacina a partir da perda e do lamento, a fim de verificarmos a natureza das tensões presentes ali, bem como os aspectos dessa vinculação social em torno dos mortos e de suas vidas.

Diante da chacina, morte e vida

Assim, as cenas narrativas da morte nesse acontecimento emergem no que cremos ser um tensionamento e no entrever da vida dos mortos na medida em que fazem surgir as vítimas e aqueles que as lamentam – pois, no irromper do acontecimento e nos momentos de seu desdobramento, como pudemos ver acima, estão ambos relegados a um papel secundário, pela prevalência muito maior da demarcação da morte como ocorrência, das falas policiais, dos conflitos de ordem político-institucional, da possibilidade de ação das milícias. É possível mesmo dizer que são episódios em que se dá a ver o luto e o sentido da perda. Em que a morte conduz a gestos narrativos em torno do que foi a vida daqueles sujeitos. Temos assim as matérias: “Familiares das vítimas descrevem execuções e clamam por justiça”, publicada no dia 23 de janeiro (SARGES, 2017), sobre a morte de Luciano Henrique Pantoja de Oliveira, de 22 anos, ocorrida no dia 20; e “Família chora morte: ‘Era o braço direito da nossa mãe’”, publicada no dia 24 de janeiro (SOARES, 2017), sobre a morte de Erisnaldo Pantoja, ocorrida no dia 21.

Trata-se de um movimento quase contraposto ao que apresenta os mortos somente enquanto vítimas letais de uma execução incerta no caderno policial. Algo bastante relevante quando consideramos que essas mesmas mortes figuraram no caderno Polícia dias antes das matérias referenciadas acima – respectivamente no dia 21, para a de Luciano, e dia 22, para a de Erisnaldo. Aqui a morte emerge de maneira fragmentária no processo mesmo narrativo de delineamento dos incidentes que constituem o acontecimento chacina, sendo cada matéria sobre uma dada execução um dos momentos da narrativa em constituição sobre essa “onda de violência”, em relação à qual a própria morte de Luciano ou Erisnaldo é apresentada como composta de pequenos indícios capazes de indicar que se trata de uma morte marcadamente violenta, resultado de uma ação que é narrativamente reconhecível pelos seus personagens e seus contextos de compreensão de um mundo prático (RICOEUR, 1981, 2010, 2016). Daí voltarem à cena todos aqueles elementos que observamos do evento inaugural da chacina.

[...]

Homem e mulher são mortos a poucos metros um do outro

A onda de homicídios também foi registrada nos limites dos bairros do Jaderlândia e do Una, onde um homem e um mulher foram mortos a tiros por homens que estavam em um carro prata. Eunice do Espírito Santo Oliveira,³⁶ e Luciano Henrique Pantoja Oliveira, idade não divulgada, foram assassinados a menos de 100 metros um do outro. [...] Os atiradores seguiram em direção da passagem 10 de Maio, onde no caminho estava Luciano Henrique, também morto com vários tiros. A vítima estava a poucos metros de sua casa. Familiares do rapaz entraram em desespero ao verem o corpo do ente querido estirado no chão, banhado de sangue. (D'ALMEIDA, 2017, p. 5).

Madrugada sangrenta: 2 assassinatos

Mais dois homicídios foram cometidos na capital paraense na madrugada deste sábado (21), dando seguimento à onda de assassinatos que assolou a cidade durante a última sexta-feira (20). Erisvaldo Pantoja, 28 anos, um morador do bairro do Condor que trabalhava com sons automotivos, foi morto com três tiros na cabeça enquanto transitava pela Avenida Bernardo Sayão, próximo à Passagem Radional, por volta das 0h30. Um morador da região disse que "ouvimos os disparos, mas não vimos o ocorrido, a não ser um caro preto que se afastava do local do crime", relatou uma testemunha (MEDEIROS, 2017, p. 4).

Trata-se de um quadro de morte de anônimos, impreciso, incompleto, porque morte que emerge em um espaço do jornal destinado àquelas que serão alvo de uma cobertura única, abordadas enquanto crime e suplantadas pelas notícias dos dias seguintes. As mortes dos anônimos comumente aparece nos enredamentos do jornalismo por meio da violência, da brutalidade, do choque, diante da qual Tavares (2012, p. 88) pontua que o próprio anonimato se constitui como demarcador do caráter comum, ordinário, em um processo de leitura que “não põe em evidência as dimensões temporais que cercam a vítima, mas, em geral, apenas o fato da morte em si mesmo”. Essas mortes são sempre demarcadas por uma causa externa ou constituem como inferência sobre um morto que, ao ser vítima de morte violenta, é apresentado como inimigo da cena pública (MATHEUS, 2011), em um percurso narrativizante que redunde na normalização dessas mortes, tornando-as não apenas estranhamente familiares, mas também esperadas, normalizadas (FRANÇA, 2011). O revés dessa morte seria o da pessoa pública, o da celebridade, cuja própria identificação é catalisadora de fluxos simbólicos do acontecimento, que mobiliza ostensiva cobertura, atento à singularidade e à diversidade de gestos narrativos em torno delas (ANTUNES, 2013; MOUILLAUD, 2002).

Ora, esses dois mortos da chacina não são célebres, surgem em regime de anonimato e nele resvalam de volta. O momento de breve suspensão desse anonimato,

em que se mostram seus rostos e se contam suas histórias, dá-se quando falam as pessoas afetadas pela violência que os vitimou, quando, no registro narrativo que dá continuidade ao acontecimento, as suas vidas também entram em cena para informar o sentido daquela morte, ainda que expresso em termos aparentemente muito privados ou de enlutamento. A morte, nesses episódios narrativos, figura como chave para remeter à vida, para restaurar momentaneamente o que se rompeu com a morte, para tornar claro ações de indivíduos diante dela não somente como crime, mas também como perda, que comporta um aspecto sensível no gesto de narrar, apontando para a reverberação da morte tanto no mundo que é narrado quanto no acontecimento que se expande com a expansão desse mundo. Voltemos, assim, às matérias a que nos referimos no início desta seção:

Familiares das vítimas descrevem execuções e clamam por justiça

Luciano Henrique Pantoja de Oliveira, de 22 aos, morreu na tarde da última sexta-feira (20), em uma onda de assassinatos ocorridos na Grande Belém desde a morte do policial militar Rafael da Silva, ocorrida no mesmo dia, em um tiroteio no bairro da Cabanagem, em Belém. O corpo de Luciano estava a poucos metros da própria casa, na ocupação Parque Francisquinho, que fica no bairro do Jaderlândia, em Ananindeua. Ele deixa a esposa e uma filha de um ano de idade. "Saí correndo e vi meu filho jogado no chão com o corpo se esvaindo em sangue", lembra a mãe que prefere ter a identidade preservada. A mulher conta que estava no trabalho, quando soube do baleamento do filho e, em seguida, que ele não tinha resistido aos ferimentos. [...] Muito abalada, a irmã de Luciano está em estado de choque, conta a mãe. "Foi uma crueldade sem tamanho. Não tem como se conformar em perder um filho ou um irmão" (SARGES, 2017, p. A3).

Família chora morte: 'Era o braço direito da nossa mãe'

'Não consigo esquecer aquela cena, de ver meu filho estirado no chão, morto, sem nunca ter feito mal a ninguém', desabafou a aposentada Maria Salomão Pantoja, 81, mãe de Erisnaldo Pantoja, 37, assassinado na madrugada do último sábado (21), no bairro do Jurunas, em Belém. Erisnaldo prestava serviço para uma empresa de fogos de artifício do vice-prefeito de Acará, Naldo Damasceno, 39, amigo de infância do rapaz. "Eu jamais falaria se eu não soubesse da índole dele. Infelizmente, ele estava no lugar errado na hora errada", lamenta o político e microempresário. [...] Na noite da última sexta-feira (20), após um serviço extra de pintura, Erisnaldo retornou para casa e saiu novamente, por volta das 20h, para jogar bola em uma arena no Jurunas. 'Pedi para ele não demorar. Vi no jornal que tinham matado um policial. Ele respondeu que não ia demorar', conta a mãe. (SOARES, 2017, p. A3).

Percebemos nesses excertos vários fluxos narrativos constitutivos desse falar sobre a vida, que estabelecem distinções quanto ao que vimos anteriormente. Há mais

sujeitos em torno da cena da morte, não somente vítima e algoz, mas os familiares que veem ou ouviram, que se depararam com a morte e com a perda, com um trauma e com um choque. É uma morte situada no bojo de uma afetação e não de uma mera ou protocolar demarcação de um ocorrido. Cercada por ações que a sucederam, marcada por uma reação de lamento, cada uma delas insere-se em um processo em que aquele ordinário das primeiras matérias dá lugar ao sentido da tragédia e do dramático que raramente é reservado aos mortos anônimos e periféricos dos contextos de violência urbana. O que permite essa recuperação é a própria constituição do acontecimento, diante do qual se busca uma descrição que arranje seus elementos e os torne compreensível, o que leva à própria morte ser alvo de uma nova visada, que, ainda que não cancele a lógica de instrumentalização do outro, permite um tensionamento, ainda que breve, do lugar narrativo que se reservou aos mortos desse mundo social marcado pela negação.

Muito breve, porém, pois a ordenação jornalística em torno da chacina se baseia em um constante atualizar da ocorrência com mais mortes, havendo poucos espaços para fazer esse movimento de rememoração de quem morreu e de quem se tratava. Ao remeter-se a narrativa à vida, assim, deparamo-nos algumas direções que depreendemos a partir desse suceder narrativo, marcadamente porque o acontecimento chacina pode ser encarado na confluência de vinculações sociais em torno de dois fenômenos: o da necropolítica (MBEMBE, 2016) e o da vida precária (BUTLER, 2017).

A respeito do primeiro, trata-se de uma reflexão em torno sobre em que condições e de que formas se exerce o direito de matar, sobre o que são a vida e os corpos mortos ou feridos, como são parte de processos de poder – inseridas em uma preocupação em torno da soberania e das guerras contemporâneas, o poder de matar não é só um controle sobre os corpos, mas também da produção de uma “generalidade indiferenciada”, que torna os corpos em corporeidades vazias e desprovidas de sentido, na produção extrema de uma alteridade pela morte do outros. A própria ocorrência da chacina permite nos inferir sobre essa dimensão – já que envolve agentes de estado, instituições em torno da violência e questões que afetam formas de governabilidade –, ao mesmo tempo, porém, a narrativização da chacina, ao trazer os mortos para a cena do acontecimento, dá a ver um dimensionamento, a brutalidade, a força desse gestão necropolítica em torno da violência urbana, marcadamente por apontar os sentidos que cada morte adquire – enquanto crime, enquanto morte de criminosos, enquanto sintoma de uma desagregação social, etc.

A respeito do segundo, é o encontro da morte e da vida que torna minimamente possível a referência a tal ideia de vinculação social. A preocupação de Butler ao refletir sobre a vida precária é em torno de como se percebe a vida diante da violência da qual somos “cúmplices”, motivo pelo qual ela se pergunta em que circunstâncias uma vida é considerada humana e passível de luto, sobretudo, diante da ideia de que vidas que nunca foram consideradas como tal não podem ser perdidas ou lamentadas. A condição precária da vida, nesse sentido, “designa a condição politicamente induzida na qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte”. Em uma compreensão possível, as cenas da morte propostas – quer como resultado de crime, quer como motes para o lamento – dão conta dessa fissura que expõe a precariedade da vida, porque fazem mesmo parte de uma encenação que desfoca tal condição para fazer emergir sentidos da onipresença da violência, da naturalidade de determinadas mortes e da indignação que surge das pessoas afetadas, ao passo em que a todas as vidas em torno das mortes, tanto as das vítimas quanto as dos vivos afetados, é relegado o lugar de aquiescência a essa condição precária.

Considerações finais

Não pretendemos esgotar uma discussão em torno da narrativização do acontecimento chacina, mas apontar caminhos, possibilidades heurísticas, atravessamentos e tensões constitutivas desse acontecimento violento. Falamos de um fenômeno contextualmente situado, mas que dá conta de processos de ordem política bastantes significativos, a respeito dos quais a prevalência da morte dos anônimos e de poucos espaços para lembrar de suas vidas são bastante sintomáticos não só como gestos de uma configuração narrativas, mas também como formas de inscrição de sujeitos e sentidos na experiência da vida social. Narrativa e acontecimento, desse modo, municiam-nos com pressupostos teórico-metodológicos de evidente pertinência na compreensão dessas vinculações sociais que as textualidades que cá trouxemos nos revelam.

Ler e voltar à narrativa sobre a morte não é um movimento simples, muito mais desafiador pela dimensão reflexiva que marca nossa experiência como pesquisador e sujeito. Tal postura, porém, é necessária para pensarmos a complexidade do fenômeno dos saberes em torno da violência, da violação e mesmo da vulnerabilidade que marcam

a nossa vida social e que, sendo incontornáveis, requerem que deles nós falemos como forma de potencializar o processo de os questionar, de realizar o seu desentranhamento. Por isso a preocupação, ao final de nossa análise de apontar na leitura do acontecimento a exposição dessas fissuras conflitivas e tensionais, com vistas aos sujeitos e os regimes por meio dos quais sua pertinência, existência sociais e possibilidade de ação são gestados. A morte, desse modo, aponta para muito mais além dela mesma, aponta para uma cena social marcada por um tipo de horror que, por ser repetido à exaustão, deixou de o ser, tornando-se invisível na sua explicitude.

Referências

- ANTUNES, E. Noticiabilidade periférica ou quando a morte pergunta pela notícia. In VOGEL, D.; MEDISTCH, D.; SILVA, G. (Org.), **Jornalismo e acontecimento**: tramas conceituais. v. 4. Florianópolis: Insular, 2013. p. 105-133.
- ARIÈS, P. O homem diante da morte. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- ARQUEMBOURG, J. Entre facto e sentido: contar o acontecimento. **Trajectos**, Lisboa, n. 6, p. 109-112, primavera. 2005.
- BORISENKOVA, A. Narrative refiguration of social events: Paul Ricoeur's contribution to rethinking the social. **Ricoeur Studies**, v. 1, n. 1, p. 87-98, 2010.
- BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2017.
- CAMPELO, Lilian. Belém registra chacina mais violenta dos últimos 22 anos. **Brasil de Fato**, [on-line], 26 jan. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/cU6ppZ>>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- CARVALHO, C. A. Apontamentos teóricos e metodológicos para compreender as vinculações sociais das narrativas. In: LEAL, B. S.; CARVALHO, C. A. **Narrativas e poéticas midiáticas**: estudos e perspectivas. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 49-65.
- CARVALHO, C. A.; LAGE, L. Narrativa como mediação fundamental da experiência dos acontecimentos: a mise en intrigue midiática. **Contemporânea**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 207-222, jan./abr. 2012.
- FERREIRA JUNIOR, S. E. S. Narrativas imagéticas da violência: dramatização da morte na mídia impressa da Amazônia Paraense. **Revista Cambiassu**, São Luís, 15, n. 17, jul./dez. 2015. 211-229.
- FERREIRA JUNIOR, S. E. S.; COSTA, A. C. Representações de morte e desvio em narrativas jornalísticas da Amazônia urbana. **Estudos em Comunicação**, Covilhã, n. 23, p. 139-170, dez. 2016.
- FERREIRA JUNIOR, S. E. S.; MENEZES, A. Individualização do acontecimento e mortes violentas: as narrativas policiais da mídia impressa paraense. **Temática**, João Pessoa, 10, n. 11, nov. 2014. 55-70.
- FERREIRA JUNIOR, S.; COSTA, A. Narrativa e acontecimento: questões sobre a cobertura jornalística de mortes violentas. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NA AMAZÔNIA, 1., 2017, Belém. **Anais...** Belém: PPGCom/UFPA, 2017. p. 1-15.
- FERREIRA JUNIOR, S.; KABUENGE, N.; COSTA, A. Narrativização de acontecimentos violentos: leituras em torno da configuração da intriga. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL AMÉRICA LATINA, 2., 2017, Belém. **Anais...** Belém: NAEA/UFPA, 2017. p. 2881-2895.

- FRANÇA, V. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. **Caleidoscópio**, Lisboa, n. 10, p. 59-72, primavera 2011.
- Human Rights Watch. Brazil: Wave of Killings in North. Human Rights Watch, [on-line], 27, jan. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/xDemWw>>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- LEAL, B. S. No embate entre tática e estratégias, o fluir e a fabulação do acontecimento. In VOGEL, D.; MEDISTCH, D.; SILVA, G. (Org.), **Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais**. v. 4. Florianópolis: Insular, 2013. p. 135-158.
- LEAL, B. S. Saber das narrativas: narrar. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 19-27.
- MATHEUS, L. C. **Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.
- MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez. 2016
- MENEZES, K. Dois anos após Chacina de Belém, periferia da capital paraense volta a sofrer com grupos de extermínio. **Revista Fórum**, 25 jan. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/3yXhtm>>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.
- MOUILLAUD, M. As grandes mortes na mídia. In MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p.349-361.
- NEVEU, E.; QUÉRÉ, L. The age of events. The spume of history - or an information master-frame? **Réseaux**, v. 5, n. 1, p. 9-25, 1997.
- ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL - SEÇÃO PARÁ [OAB-PA]. **Relatório da situação dos casos de chacinas e extermínio de jovens negros no estado do Pará**. Belém: Comissão de Direitos Humanos/OAB-PA, 2017.
- QUÉRÉ, L. A individualização dos acontecimentos no quadro da experiência pública. **Caleidoscópio**, Lisboa, p. 13-37, primavera 2011.
- QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Lisboa, n. 6, p. 59-75, primavera 2005.
- RICOEUR, P. **Hermeneutics and human sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- RICOEUR, P. Narrative time. In: MITCHELL, W. J. T. (Org.). **On narrative**. Chicago: Chicago University Press, 1981. p. 165-186.
- RICOEUR, P. **Tempo e narrativa: 1. A intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- TAVARES, Frederico de Mello Brandão. A cotidianidade do morrer na vida noticiosa. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo (Org.). **Jornalismo e acontecimento: diante da morte**. v. 3. Florianópolis: Insular, 2012. p. 71-90.